

— Essa coisa aqui já era, sem dúvida. Mas dá pra aproveitar alguns materiais pra reciclagem. — Até que a qualidade é razoável. Acho que já limparam todo lixo bom dessa área... Onde você arrumou esse troço? Isso era considerado "lixo bom"? — Sorte minha. — Haha, só perguntando por perguntar. Hmm... a bateria até que presta, mas o adesivo é bem meia-boca. Já foi aberta antes, então o interior deve estar uma bagunça. Só posso te dar metade do valor... No total, 3 fichas. Chu Guang não discutiu o preço. Aceitou as três fichas brancas que o homem lhe entregou. Aqueles discos de plástico com cara de metal eram a "moeda" oficial da Cidade da Pedra, o maior assentamento de sobreviventes de Qingquan — e serviam pra comprar comida e suprimentos na maioria dos outros assentamentos também. O lado das fichas mostrava o valor, enquanto o verso tinha um código antifraude e um desenho que brilhava sob a luz do sol. Eram resistentes, fáceis de guardar e quase impossíveis de falsificar com a tecnologia pós-guerra. Em lugares como a Rua Beite, um assentamento pequeno sem indústria própria, o comércio dependia das caravanas da Cidade da Pedra. Troca-se produtos agrícolas, caça e sucata por suprimentos básicos... ou até armas. Naturalmente, essa moeda acabou circulando por aqui. Claro, nem sempre ela valia alguma coisa. Se as caravanas atrasassem um mês, os preços de tudo desabavam. O prefeito já tinha tentado criar uma moeda própria da Rua Beite — uns vales de papel — mas ninguém levava a sério. Até os moradores sabiam que aqueles papéis não serviam nem pra limpar a bunda. — Quer comprar algo? Acabou de chegar um carregamento novo da Cidade da Pedra. Chu Guang, que já ia saindo, parou e virou. — Tem armas? — Não. E mesmo se tivesse, você não teria como pagar. O velho Charlie sorriu, mostrando os dentes amarelados, e continuou antes que Chu Guang virasse as costas de novo. — Mas tem comida e combustível. Se fosse você, estocaria antes que os preços subam. Armas — mesmo as mais baratas — eram raríssimas na Rua Beite. Quando alguma caravana de armas passava por ali, o prefeito comprava tudo pra seu estoque pessoal. Nunca chegava às prateleiras. E, como Charlie tinha dito, mesmo que tivesse, um catador como Chu Guang jamais teria fichas suficientes. Ele sabia por que o velho tinha mencionado os suprimentos. Como um ex-morador de abrigo, com educação decente, Charlie devia entender melhor que ninguém como o prefeito e sua família sugavam até a última gota de valor dos caçadores e catadores da Rua Beite. Mesmo que o prefeito nunca enfiasse a mão no bolso de ninguém pra roubar uma ficha sequer. — Comida e combustível vão subir? Chu Guang franziu a testa. Charlie sorriu de forma cansada. — Não percebeu? Tem esfriado, e as criaturas lá fora estão mais ativas. Ele pensou por alguns segundos antes de responder. — O inverno tá chegando? — Você só chegou aqui cinco meses atrás, então não viveu um ainda. Normalmente, nessa época o frio já começa a apertar. Mas esse ano... parece que vai chegar mais cedo. Pode nevar já em outubro. Charlie fez uma pausa, com um olhar carregado de significado. — O inverno tá vindo. — Tanto as pessoas quanto as criaturas vão ter que se preparar. Quando Chu Guang chegou à Rua Beite, vestindo um casaco azul, Charlie assumiu que ele vinha de um abrigo. Por isso, sempre o tratou com um pouco mais de consideração. Não nos preços, é claro. Mas o velho tinha lhe dado conselhos valiosos que o ajudaram a se adaptar à vida no ermo. Chu Guang acenou com a cabeça, sério. — Entendi. Obrigado. — Sem problemas. — Charlie sorriu. — Não morra, hein. Era início de setembro. Se a neve caísse em outubro, ele teria pouco mais de um mês pra se preparar. Para os sobreviventes da região, a neve nunca era uma boa notícia. Significava gastar fichas não só com comida, mas também com combustível. A maioria ali vivia de catar lixo ou caçar. As fazendas só precisavam de mão de obra na época da colheita. No inverno, catar lixo ficava muito mais perigoso. Nunca se sabia se o que estava enterrado na neve era um pedaço útil de metal... ou os dentes de um rato mutante. Até os animais que forneciam carne — como veados e coelhos — sumiam, hibernando ou reduzindo seus movimentos. O pior era que, no inverno, as caravanas paravam de vir. Qualquer coisa que encontrassem teria que ficar guardada até a primavera. A menos que se arriscassem a ir até a Cidade da Pedra, a dez quilômetros dali. Era o maior assentamento da região, com mercado aberto até no inverno. Mas ficava na borda do centro de Qingquan, cercado de perigos. Tentar chegar lá a pé, com temperaturas abaixo de zero, era basicamente suicídio. *** Depois de sair do ferro-velho, Chu Guang voltou pra sua "casa". Se é que dava pra chamar aquele barraco de casa. Mal protegia da chuva, sem janela ou porta decente. Até

ontem, ele ainda pensava em juntar cimento e placas de PVC pra vedar as paredes antes do inverno. Mas agora, parecia inútil. Ele pegou uma caixa de metal enferrujada de dentro de um saco de dormir mofado. Forçou a tampa e despejou as fichas de plástico em cima da mesa manca. Quarenta e sete fichas brancas. Tudo que tinha. Contando as três moedas que ele mesmo carregava, somavam exatamente 50 pontos! Era dinheiro que ele havia economizado com muito esforço, cortando até na comida, tudo para um dia poder fugir desse lugar maldito e se mudar para a Cidade da Pedra, onde as condições eram melhores. Mas agora... Ele já tinha um novo plano para esse "patrimônio". Por que viver sob o teto dos outros quando podia ter seu próprio lar? — O prédio abandonado do sanatório em cima do abrigo pode ser aproveitado, e os muros ao redor são de concreto... Com jogadores para ajudar, dá para coletar materiais por perto e reformar sem muita dificuldade. — Perto do sanatório tem um parque alagado, então não vai ser fácil achar sucata de metal, mas a vegetação é densa. Pelo menos não vai faltar lenha para se aquecer, e a madeira também serve para consertar o prédio e fazer móveis... Machados! Preciso comprar quatro machados. Caçar monstros e subir de nível? Nem pensar! Era um jogo 100% realista e difícil. Se era assim, então os jogadores iam começar do zero, trabalhando duro! — Pás e serras também não podem faltar! Chu Guang já tinha planejado tudo antes mesmo dos jogadores chegarem. Claro, além das ferramentas, o mais importante era a comida. Assim que as câmaras de clonagem fossem ativadas, consumiriam os materiais armazenados para criar os corpos dos jogadores. E esses clones precisariam comer! Quando os jogadores estivessem offline, os clones poderiam hibernar nas câmaras, com o metabolismo mais lento, mas não dava para ficar assim para sempre. Quem está vivo precisa comer — essa era uma lei imutável! — Preciso estocar comida suficiente para cinco adultos por uma semana... Se for duas refeições por dia, com um pão de trigo cada, dá 70 pães. O pão de trigo era a comida mais comum em Beco Bette — 1 ponto comprava um. Era do tamanho de uma mão, provavelmente misturado com casca de árvore ou outras fibras. A textura era dura e áspera, como terra com areia, mas enchia a barriga e tinha um pouco de sal. Dava até para fazer um mingau se jogasse na panela com água. 70 pães custariam 70 pontos. Mesmo pechinchando, não daria para baixar muito de 60. E aí o orçamento não ia fechar. Chu Guang franziu a testa, mas logo se acalmou. Ele tinha complicado demais. Não precisava dar comida boa para os jogadores. Se trocasse os pães por trigo verde, produzido nas fazendas locais, sairia muito mais barato — 3 pontos compravam um quilo inteiro! Comprando 5 quilos, daria para aguentar alguns dias! Se a coisa apertasse, podia seguir o exemplo dos moradores de Beco Bette e misturar casca de árvore ou raízes. O resto ele resolveria depois. — Por enquanto, é melhor garantir isso primeiro... Ele guardou os pontos na mochila e a colocou nas costas. Mesmo sem dormir a noite toda, ele estava cheio de energia, como se tivesse encontrado um novo propósito. Nada de sono. Quando saiu de casa, viu a menina da casa ao lado espiando pela porta, curiosa. Ele sabia o nome dela — Yu Xiaoyu, a filha mais nova da família Yu. Como a maioria dos sobreviventes no deserto pós-apocalíptico, ela era magra e pálida, com braços e pernas finos como gravetos. Difícilmente alguém diria que ela já estava na idade de se casar. Quando percebeu que Chu Guang a viu, ela não se envergonhou e saiu. — Ouvi barulho na sua casa e vim ver. Todos os dias, ao amanhecer, os homens de Beco Bette saíam para catar lixo ou caçar, enquanto os mais velhos, mulheres e crianças ficavam para cuidar das casas ou fazer algum trabalho remunerado. Ninguém tinha nada de valor, mas mesmo assim ninguém queria deixar sua casa vulnerável a ladrões ou aproveitadores. Chu Guang era um forasteiro, raramente conversava com os vizinhos e sempre saía cedo e voltava tarde. Ela não sabia muito sobre ele, só achava que ele não parecia do tipo que aguentava trabalho duro. No começo, todos desconfiavam dele, e sua mãe a mandava ficar de olho no estranho. Mas Xiaoyu não achava que ele fosse mau. Uma vez, ele tinha dividido uma tigela de sopa com ela. — Obrigada. — De nada. Se você sair, eu posso cuidar da sua casa — ela acrescentou, animada —, já que não tenho nada pra fazer. Pobre criança. No mundo de antes, ela estaria na escola nessa idade. Para não parecer condescendente, Chu Guang escondeu a pena nos olhos e, com expressão neutra, tirou um pirulito do bolso. — Toma. — E não conta pra ninguém que foi eu que dei. — Senão acaba.

<http://portnovel.com/book/43/10432>